

Curso Dos Bispos 2020

Arquidiocese do Rio de Janeiro e CNBB

27 a 31 de janeiro de 2020

PRIMEIRA CONFERÊNCIA

O Discipulado como processo de configuração com o Cristo Bom Pastor

— SOBRE A FORMAÇÃO E O ACOMPANHAMENTO NOS SEMINÁRIOS —

✠ Jorge Carlos Patrón Wong

Arcebispo Secretário para os Seminários
Congregação para o Clero

INTRODUÇÃO

Um único processo discipular

Como ponto de partida, quero citar um parágrafo da *Ratio Fundamentalis* que contempla a vocação sacerdotal como um único processo: “o que está na origem da vocação sacerdotal é um dom da graça divina, que se concretiza também na ordenação sacramental. Tal dom se exprime no tempo pela mediação da Igreja, que chama e envia em nome de Deus. Correlativamente, a resposta pessoal se desenvolve num **processo** que se inicia com o **conhecimento do dom recebido**, e **amadurece gradualmente** com a ajuda da espiritualidade sacerdotal, **até configurar-se** através de uma **forma estável de vida**, com um conjunto de deveres e de direitos, e uma missão específica assumida pelo ordenando”. (RFIS, 34)

Como podemos perceber, trata-se de um caminho de formação que contém pelo menos **três grandes** passos: a **tomada de consciência**, o **amadurecimento gradual** e a **configuração**, que serão avaliados com um indicador importante, ou seja, a consolidação ou não de um estilo de vida **estável à luz das virtudes sacerdotais**.

O jovem que experimenta inquietudes vocacionais, inicialmente, tem um *conceito parcial sobre o que seja o sacerdócio*. Quase sempre muito positivo e com referências de qualidade, porém, parcial. Portanto, a **primeira tarefa formativa** é ajudar o jovem a **tomar consciência do dom de Deus**, porque não se pode avançar em um discernimento sobre algo que não é conhecido.

O itinerário dessa tomada de consciência não termina com o ingresso na etapa propedêutica. **Em cada passagem do caminho formativo, seja antes ou depois da ordenação sacerdotal, vamos adquirindo maior consciência sobre o dom recebido e suas implicações** para nossa santificação e do povo de Deus, e para desse modo, conseguirmos responder de maneira mais autêntica e livre aos desígnios do Pai. Esse foi o caminho do discernimento que Jesus percorreu: **refletir continuamente sobre a vontade do Pai** e moldar a partir dela, o conteúdo e a forma de sua missão. Desse modo, os próprios valores específicos da vida sacerdotal adquirem um senso de novidade que se renova continuamente, por exemplo, cada vez que um padre recebe uma nova missão canônica, uma nova destinação pastoral, surge também a oportunidade de aprofundar a consciência do dom de Deus e de renovar o seu ato de liberdade e de entrega a vontade do Pai. O mesmo se observa quando um padre experimenta dificuldades ou passa por uma crise.

A segunda tarefa formativa apresentada na *Ratio* é o **amadurecimento gradual**. Responder adequadamente ao dom da vocação sacerdotal requer um **processo de amadurecimento pessoal** que inclua *crescer nos valores humanos e cristãos*. Em outras palavras, é necessário preparar a natureza humana modelando-a, para que seja capaz de conter o dom da graça de Deus. Portanto, é conveniente realizar **um profundo processo de autoconhecimento e integração dos elementos da própria personalidade**, ao mesmo tempo que se desenvolve um *cuidadoso amadurecimento na fé* para que contemporaneamente seja **modelada a vida interior do candidato**, em seus valores e virtudes humanas, cristãs e sacerdotais *àquela vitalidade do Evangelho de Cristo*; a isso chamamos de "discipulado". Essa dinâmica formativa permite ao seminarista de adquirir um maior grau de liberdade interior e autenticidade, além de aumentar a sua capacidade de assumir o próprio discernimento sobre seus atos quotidianos.

Alcançados os objetivos da etapa discipular, a formação concentra-se no processo de configuração com Cristo, Pastor e Servo, para que, aprofundando as virtudes tipicamente sacerdotais, possa **fazer de sua própria vida um dom de si para os outros** (cf. RFIS 68). É um trabalho formativo específico que **ênfatiza** com maior atenção **a estabilidade e constância dos hábitos e atitudes interiores que correspondem à vida sacerdotal** e também às habilidades e disposições necessárias para realizar o ministério presbiteral.

A configuração é um caminho de **união espiritual e mística do discípulo com a pessoa do Senhor Jesus** naquilo que é mais característico em sua vocação sacerdotal: valores, atitudes, sensibilidade, prioridades, habilidades, relacionamentos ...

Todo *discípulo deve viver intimamente unido ao Senhor*, conforme declarou o Apóstolo Paulo: tendo os mesmos sentimentos de Jesus Cristo (cf. Fil 2, 5). O padre também, incentivado pela caridade pastoral, tem diante de si um caminho de configuração contínua com Cristo Servo e Pastor. O processo de configuração dura uma inteira vida e pode ser entendido em consonância com o conceito psicológico de internalização.

I. TOMADA DE CONSCIÊNCIA SOBRE O DOM RECEBIDO

Podemos distinguir diferentes graus de tomada de consciência sobre a vocação sacerdotal dentro do processo de crescimento vocacional.

1.1. Durante o período preparatório prévio (acompanhamento vocacional / pastoral vocacional)

Para dar início ao **processo vocacional** preparatório de ingresso ao Seminário, é necessário um certo grau de conscientização sobre o sacerdócio e sua orientação fundamental. Se o vocacionado entender o sacerdócio como um dom de Deus, como caminho de vida apostólica e como disponibilidade para o serviço eclesial desde o início de seu processo formativo, o discernimento inicial de sua vocação será mais simples. Pode ser que alguns candidatos entendam o acompanhamento vocacional como a confirmação, da parte da Igreja, a respeito do seu querer pessoal pela vida sacerdotal. Antes de mais nada é preciso ter claro que *o sacerdócio não é um direito a ser adquirido após um percurso formativo*, e que aquela intuição ou certeza de um chamado vocacional precisa ser entendido e interpretado juntamente com a Igreja, por isso, qualquer certeza absoluta ou inquestionável anterior desse discernimento junto com a Igreja pode se tornar fonte de equívocos. Além disso, ainda tem os casos em que o sacerdócio vem interpretado como um “*estilo de vida religiosa*”, ou como um “*altruísmo sócio-religioso*”, ou ainda como “*uma carreira religiosa*”. Nestes casos tudo se consolida sobre a satisfação de uma expectativa pessoal criada pela própria pessoa, e isso não condiz com a vida sacerdotal proposta pela Igreja.

De fato, a **maior clareza ou confusão em relação ao que seja o sacerdócio**, em parte, *dependerá da experiência que o candidato fez junto a comunidade cristã e aos modelos sacerdotais que ele conheceu*. No entanto, esses dados, mesmo sendo provenientes de observações exteriores, podem ressoar e sintonizar com necessidades mais profundas do mundo interior do candidato criando uma certa “*identificação pessoal*” que precisará também ser trabalhada no acompanhamento formativo. Toda identificação dá certa segurança afetiva para a pessoa que está buscando referências

para seu discernimento pessoal, **mas, *nem toda a identificação reforça ou confirma os valores objetivos do sacerdócio***, e por isso precisam ser vistas com atenção, para que consolidem um bem real para a vida do candidato.

Avaliar e cuidar desta primeira identificação com uma “certa ideia de sacerdócio” é uma tarefa prioritária da pastoral vocacional, através de colóquios, iniciativas de trabalho pastoral, visitas as paróquias e a família dos vocacionados.

Inicialmente, em todos os vocacionados sempre há ***uma mistura de motivações***, como foi o caso dos discípulos do Senhor Jesus, e **será no cotidiano da convivência formativa que surgirão as ocasiões para purifica-las e equilibrá-las** antes do ingresso ao Seminário. A admissão de candidatos cujas motivações vocacionais são ainda fortemente ambíguas e orientadas a viver o sacerdócio em favor de outros fins (ser um líder social, militar de carreira, professor universitário, artista etc) ou para satisfazer a si mesmo em suas vontades pessoais, prejudicaria a vida comunitária do Seminário e criaria desde cedo uma grande dificuldade para o trabalho de orientação dos formadores, porque ***motivações fortemente desorientadas a nível intrapsíquico reforçam atitudes e posturas ambíguas nas relações interpessoais dentro do grupo***.

1.2. Durante a formação inicial

a. Na **etapa do propedêutico**, em muitos casos concretos, os seminaristas precisam completar a compreensão que trazem consigo sobre a comunidade cristã, afinal eles vêm de diversas experiências diferentes entre movimentos, grupos pastorais e vida religiosa, e quase naturalmente vão procurar reencontrar as suas referências de antes. Paralelamente a isso, eles ***precisam conhecer melhor o significado da vida sacerdotal*** passando da “inspiração pessoal” e “ideias pré-formadas” a partir de um contato com os padres que conheceram, para **uma primeira reflexão sobre o quanto seguir o caminho vocacional implicará uma atitude sincera de deixar-se guiar pela Igreja** através dos formadores e deixar-se modelar a partir de Cristo.

Por isso, será importante já aqui dar-se início ao estudo bem orgânico e elaborado da Doutrina Católica, através do Catecismo da Igreja, dos documentos do Magistério relacionados a comunidade cristã e ao sacerdócio ministerial, uma primeira introdução as Sagradas Escrituras, além de outros títulos e conteúdos que enriqueçam a **compreensão intelectual** do sacerdócio. Em uma sociedade marcada pelo influxo do pentecostalismo, o estereótipo do “pastor evangélico”, bem como a influência de muitas ideias teológicas e modelos pastorais vindos dessas referências, precisará ser orientado e corrigido logo ao início.

Essa primeira formação intelectual dos seminaristas ajudará a *reforçar os valores cristão e norteará o conhecimento e a sensibilidade pelos valores sacerdotais*. Contemporaneamente, *os valores humanos vão sendo trabalhados e desenvolvidos na vida comunitária e nas relações interpessoais* sob o olhar cuidadoso e paterno dos formadores. Será o contato direto e cotidiano com os sacerdotes da equipe de formadores que dará ao seminarista a chance de **alargar a sua compreensão existencial** na vivência dos valores sacerdotais, bem como a sensibilidade e a postura que são necessárias para o exercício do ministério sacerdotal. Também será através da **vida comunitária** que os seminaristas irão *confrontar e discutir* os “*modelos sacerdotais*” e o significado que tem para eles cada um desses modelos.

b. Na **etapa discipular**, o seminarista é convidado a intensificar o trabalho consigo mesmo. Seja por causa da vida comunitária, seja por causa da compreensão mais ampla sobre o sacerdócio. Ele agora poderá confrontar-se com maior compromisso pessoal sobre suas virtudes e seus limites diante daquilo que exige dele o sacerdócio ministerial.

Será nessa etapa que acontecerá a *releitura de sua história em família, de suas experiências de vida social, da raiz de suas motivações religiosas* etc. Desse modo, ele começará a examinar a autenticidade de seu segmento como discípulo de Jesus e a considerar a distância que existe entre suas propostas pessoais/ideais e sua prática quotidiana, para que, agindo com sinceridade e ajudado por seus formadores, consiga *crescer em maturidade na direção do Evangelho de Cristo*.

De maneira saudável ele aprenderá a enfrentar suas tensões interiores sem fugir de si mesmo ou dissimular um crescimento na maturidade.

Também será aos poucos que abandonará a pretensão de conquistar méritos para ser visto e apreciado como um bom candidato ao sacerdócio e, desse modo, conseguir colocar-se no seguimento humilde daqueles que se arrependem de seus pecados e vivem um caminho de conversão quotidiano sob a regência da graça divina para a maior glória de Deus. É um passo importante em direção ao realismo da tensão interior presente na vida de um sacerdote, porque *cria uma disposição para a humilde dependência da graça de Deus e a justa sensibilidade para o acolhimento do outro* em suas lutas e tensões pessoais dentro da vida comunitária. Essas são algumas passagens de crescimento pessoal importantes dentro do acompanhamento formativo para que o seminarista consiga *entender a vocação sacerdotal como ato de se colocar em serviço*, não estabelecendo como prioridade a satisfação de um amor narcisístico, que torna limitado ou incapaz o amor por Cristo e pelos irmãos, preparando-se assim para saber "descer" e "humilhar-se", excluindo o desejo de procurar sempre as vias para "subir" ou "exaltar-se" naquilo que faz.

Portanto, nessa etapa formativa *aqueles que não forem capazes de viver relações comunitárias equilibradas*, cultivando generosidade em seus atos de amor e promovendo harmonia dentro do grupo, com certa capacidade de falar de si mesmo e de não procurar somente os próprios interesses escapando a tudo que possa ser mais exigente ao dom de si mesmo, *devem pensar em interromper a continuidade formativa*.

c. Durante a **etapa configurativa**, será aprofundada a *experiência com o Cristo Bom Pastor dando maior ênfase as virtudes sacerdotais*. Na etapa anterior a ênfase maior era para Cristo Servo e Senhor, por isso se intensificou o trabalho com as virtudes humanas e cristãs.

Se recuperarmos as imagens, bíblicas, de fato, o pastor é quem defende as ovelhas da ameaça de animais selvagens, as conduz a bons pastos e dá a vida pelo rebanho. *Tudo isso seria impossível para uma pessoa que não aprendeu a amar a Deus e ao próximo mais do que a si mesmo*. Quem ainda está preso a prioridade pelos próprios caprichos e não consegue acolher com respeito e reverência a fragilidade do irmão para oferecer-lhe Cristo Ressuscitado sobre a sua própria humanidade, *como poderia ter força e coragem de entregar a sua vida por alguém?*

A configuração com Cristo Bom Pastor é **um trabalho de filigrana**, que **requer a comunhão contemplativa com o Senhor**, para que transpareça em sua vida o reflexo da Trindade Santa que habita em seu coração, além de um cuidado contínuo com a própria personalidade para gradualmente ser capaz de reproduzir as características do Bom Pastor que se entrega pelo rebanho.

Um primeiro passo nessa configuração é realizado em torno das **virtudes teológicas**, uma vez que o pastor deve ser um modelo de fé, esperança e caridade para todas as pessoas. Nessa etapa **a força dessas virtudes deve ser evidente**. O seminarista nessa etapa já assume um papel proativo na comunidade cristã, seja em relação a formação do povo de Deus, como também através das orientações para a vida comunitária por meio de seu testemunho como homem que se prepara para uma consagração definitiva.

Um segundo passo de configuração se desenvolve em torno dos **conselhos evangélicos**, e supõe uma formação específica para viver a pobreza sacerdotal, a obediência, que corresponde ao sacerdote, e o celibato sacerdotal. Porém, supõe-se que *as bases para o aprofundamento dos conselhos já tenham sido alicerçadas nas etapas precedentes*: **um estilo de vida modesto, zelo pela casa em comum, continência pessoal**, disponibilidade as ordens dos formadores, serenidade diante dos imprevistos etc.

Um terceiro passo de configuração são as relações no presbitério: com o bispo, com os padres, com os outros seminaristas e com os fiéis leigos. **Cada um desses relacionamentos**, juntamente com a experiência dos conselhos evangélicos, é **uma expressão da caridade pastoral**. A recepção do ministério do leitor, que acontece nessa etapa da formação, significa uma união íntima com Cristo através de sua Palavra, o que enriquece ainda mais a oração quotidiana, comunitária e pessoal e a intercessão constante pelo povo de Deus e por todos os relacionamentos que citamos acima.

Um quarto passo de configuração é o **reforço da caridade pastoral como ponto central dentro da espiritualidade do presbítero diocesano**. É a partir dessa centralidade que o sacerdote diocesano se deixa conduzir pelo Senhor, a partir de sua intimidade com Ele, até o lugar onde Ele mesmo escolheu estar presente e ser amado, ou seja, nos pobres, doentes e moribundos, abandonados e vulneráveis, os pecadores que não buscam a Deus, os jovens etc. Assim como Jesus, **o sacerdote dedica a maior parte do tempo às ovelhas mais fracas e ensina a sua comunidade a buscar Cristo e amá-lo onde Ele escolheu estar**, ou seja, onde se encontram os mais necessitados do socorro de Deus.

Um quinto e último passo na configuração são **as atitudes sacerdotais**. O candidato entende que suas atitudes na vida cotidiana constituem uma mediação para o exercício de seu ministério, e ele humildemente se prepara para ajustá-las, de modo que sejam motivo de edificação para o povo de Deus. Podemos dizer então que **o seminarista que aprende a tocar delicadamente as feridas de Cristo nas feridas de seus irmãos estará pronto para receber o ministério de acólito**. Um bom critério para o discernimento vocacional nesse momento é perguntar-se se **o seminarista já é motivo de edificação e homem de comunhão na Igreja** e, principalmente, dentro da comunidade do Seminário. **Se ele já se tornou um promotor de proximidades e comunhão, então este é um bom indicativo para seguir para a próxima etapa da formação**.

d. Durante a etapa de **síntese vocacional**, o seminarista estreita a sua inserção em uma comunidade cristã, junto ao presbitério e em ambientes de colaboração eclesial. Esse estreitamento de laços vivido em uma passagem para fora da comunidade do Seminário ajuda o jovem **a examinar novamente todo o seu processo**, fazendo **uma síntese crítica mais realística dele**, uma vez que todo o processo educacional foi mediado e assistido pelos formadores e a partir de agora essa mediação começará a diminuir. Em outras palavras, o projeto sacerdotal que ele desenvolveu gradualmente ao longo dos quatro anos da etapa anterior agora se ajusta às condições reais de uma comunidade.

Esse movimento será repetido ao longo da formação permanente, cada vez que for recebida uma nova missão canônica. A ordenação diaconal sela com caráter

ontológico especialmente a identificação com Cristo Servo e a ordenação presbiteral com o Cristo Bom Pastor.

A preparação cuidadosa das ordenações deve ser realizada preferencialmente a partir da meditação dos rituais correspondentes, que expressam em profundidade a identidade sacerdotal. O caráter ontológico que imprime a ordenação requer como contrapartida uma *disposição responsável de continuar a própria formação de maneira permanente, de reavivar o dom recebido quotidianamente* sabendo colocar as mediações necessárias para bem viver a consagração sacerdotal.

II. O AMADURECIMENTO GRADUAL DA PESSOA

O processo de crescimento integral da pessoa em formação para o sacerdócio, supõe e exige um gradual amadurecimento.

De fato, *uma pessoa imatura, narcisista e com grande dificuldade de estabelecer relações empáticas, não tem a capacidade de se abrir para outra em um relacionamento sincero*, muito menos de *estabelecer um vínculo estável onde o “dom de si mesma” seja a medida final da expressão de sua fé traduzida em vida*. O mais provável será o reforçar-se de sua tendência a “usar a outra pessoa” para atender às suas necessidades ou alcançar seus objetivos. Assim, entende-se que **é essencial um processo de amadurecimento humano na preparação para a vida religiosa**, para que não caiamos na condenação feita por Deus aos pastores de Israel através do profeta Ezequiel (cf. Ez 34).

Uma pessoa imatura e narcisista tenderia a usar o exercício do ministério para seus próprios fins egoístas, sem se entregar pelo cuidado do povo de Deus, além de criar **uma atmosfera de auto referência tão forte e intensa que o próprio sentido do ministério estaria reduzido a sua pessoa e ao quanto ela possa estar satisfeita da vida que leva ou não**. Esse triste espetáculo infelizmente, já foi visto em alguns presbitérios, criando lutas e rivalidades por poder ou por prestígio.

A pergunta que pode nos guiar nesse segundo tema seria essa: **Como ocorre esse processo de amadurecimento pessoal ao longo da formação inicial?**

Antes de mais nada é preciso desmistificar uma coisa: *o simples passar do tempo, não é suficiente para estabelecer um resultado positivo por si mesmo*.

Como mencionado anteriormente, trata-se de ***uma dinâmica que será gradual***, ou seja, com propostas que aos poucos aumentam o compromisso e a entrega pessoal do candidato em vista do fim último de seu caminho formativo.

Como afirma a *Ratio Fundamentalis* (cf. RFIS 41-43), o ***processo formativo visa a formação de um homem*** e não está limitada a ser uma orientação instrutiva, técnica ou especialista. Trata-se de preparar ***um homem para que seja capaz de entregar a própria vida por amor de Cristo e pela santificação de seus irmãos***. Deus é aquele que “conhece e sonda o coração dos homens, e examina a sua consciência” (cf. Jr 17, 9-10), e de certa forma será sobre essa estrada que se desenvolverá a formação humana no Seminário.

Outro aspecto a ser considerado em linhas gerais é a responsabilidade formativa. “*Se bem que uma «grande parte da eficácia formativa depende da personalidade madura e forte dos formadores», tenha-se presente que é o seminarista em primeiro lugar – e o sacerdote depois – «o protagonista necessário e insubstituível da sua formação»*” (RFIS, 53). Portanto, ***é o próprio seminarista quem deve assumir com força e convicção o seu trabalho de crescimento pessoal*** dentro do processo formativo para, sob a regência da Graça de Deus, colaborar e interagir com os formadores.

É matéria para o discernimento dos formadores o fato de oferecer uma estrutura formativa estável, com um plano formativo regular, meios profissionais e espirituais adequados, uma estrutura de residência planejada, horários equilibrados, e, mesmo assim, ter um seminarista que sempre se lamenta de tudo, procura burlar as propostas feitas, não se deixa guiar por ninguém, não se compromete com nada que o exija mais do que aquilo que ele mesmo queira fazer. ***Isso tudo somado deixa claro o discernimento a ser assumido para interrupção do percurso formativo***. Afinal, se com todos esses investimentos pensados para o bem da pessoa, nem assim ela se compromete consigo mesma e com aquilo que a Igreja lhe pede e propõem, certamente não terá compromisso com as exigências que surgirão com o sacerdócio, pois estas serão muito maiores e em um contexto com bem menos recursos do que agora ela tem a sua disposição para trabalhar consigo mesma.

Uma dificuldade que pode acontecer durante o processo formativo é o chamado “***espiritualismo***”, ou seja, ***aquela tentativa fantasiosa de usar ato de boa vontade espiritual para diluir a própria humanidade com suas tensões e limites*** a serem educados pela fé e na disciplina dos sentidos. ***A vida espiritual não é um substituto dos conflitos intrapsíquicos humanos*** e tão pouco algum tipo de “clareador da alma” para ser usado em momentos de “***sujeira espiritual***”.

A celebração litúrgica com toda a sua riqueza de símbolos e formas é o ***lugar privilegiado para render o culto a Deus***, mas ao mesmo tempo, é o ***lugar onde se***

depõe aos pés do Senhor a própria humanidade frágil e miserável para se retomar o caminho de humildade que Jesus pede a cada um. É o lugar onde o homem traz a sua luta de cada dia e de onde ele parte para lutar pela vida que de Cristo recebeu, tornando-se assim promotor de vida e comunhão em sua comunidade.

A espiritualidade ajuda a tomar nas mãos a própria humanidade frágil para que se viva de maneira integrada segundo o ideal vocacional da vida presbiteral.

2.1. A primeira aproximação (Etapa Propedêutica)

A pessoa é um mistério para si mesma, e como tal, exige respeito e reverência da parte daqueles que a seguem. Portanto, *os primeiros passos devem ser simples, humildes e com grande sensibilidade.*

Conhecer-se nesse primeiro momento significa que *o seminarista precisa aprender a identificar de maneira realística as suas principais virtudes e defeitos, forças e fraquezas* superando, tanto a autodesvalorização (considerando-se uma pessoa com apenas defeitos, com sentimentos de inferioridade em relação aos outros), como a supervalorização de si mesma.

Esse primeiro momento, vai necessariamente levar a pessoa a *revisitar e a rever a sua história familiar e social* com todas as feridas de relacionamento existentes. Por isso, paralelamente a esse trabalho consigo mesma, se desenvolverá o mesmo processo em relação a vida familiar procurando *reconhecer e identificar onde existem valores e contra avaliações, pontos fortes e fracos que talvez ainda não tenham sido orientados a vida cristã.*

São muitos os casos em que socialmente ou em família se adquirem hábitos e comportamentos baseados em dinâmicas de relação de cuidado afetivo que não irão ajudar o seminarista a manter o vigor nas escolas humanas sobre o dia a dia sacerdotal. Por exemplo, o aprender a mentir com naturalidade quando a “causa é justa”, ou então, dizer aquilo que o outro quer ouvir para não perder a boa estima do outro e poder ter dele aquilo que se quer. **É, portanto, um caminho de humildade e realismo tomar consciência dessa desagradável verdade sobre si mesmo e procurar ajuda para muda-las.**

Dois efeitos poderão ser observados simultaneamente: *do ponto de vista intrapsíquico* o início de um trabalho de maior acolhimento da própria história, e *do ponto de vista interpessoal*, o colocar-se a prova na hora de saber também *atribuir o justo valor e o devido respeito aos demais companheiros* e suas lutas pelo crescimento pessoal, bem como o aumento na estima por uma aliança de vida durante o tempo de formação.

Espera-se que no final do propedêutico o Seminarista tenha conseguido construir um mapa de sua personalidade, ao menos com a identificação dos principais traços de sua personalidade, para levar consigo trabalhando nas demais etapas.

2.2. Um trabalho mais intenso e sistemático (Etapa filosófica/ discipular)

Tendo conquistado a meta esperada da etapa anterior, o seminarista agora passa a ter uma maior clareza sobre quais pontos e aspectos de sua personalidade deverá investir mais energia e vigor pessoal valendo-se do diálogo com seus formadores, com o diretor espiritual e da assistência psicológica oferecida. Vale destacar aqui que a consciência de si, quando assumida, é parâmetro de discernimento, ou seja, ter consciência daquilo que precisa trabalhar em si, ter os meios disponíveis e as ocasiões oportunas e deixar de fazê-lo ou fugir do compromisso consigo mesmo, são indicativos negativos para sua formação. Contudo, cabe aos formadores, *não apenas estimular o seminarista em seu processo*, mas *chama-lo com autoridade a assumir seu papel de responsabilidade pessoal*.

Essa etapa, com a ajuda profissional adequada, oferece um tempo especial para a análise pormenorizada das dinâmicas da vida interior que normalmente interferem na hora de assumir um maior vigor no exercício de certas virtudes ou no abandono de certos vícios que comprometem a perseverança na prática dos valores cristãos.

O exercício quotidiano da vida comunitária dará as ocasiões formativas para o diálogo e as correções, para a moderação dos impulsos, a expressão dos sentimentos e as oportunidades para exercitar a caridade com o próximo. Esse acompanhamento quase tutorial dentro do quotidiano ajudará o seminarista a perceber suas atitudes mais imaturas e infantis para saber assumir outras mais adequadas a sua idade. Nesse caso pesa bastante o modo como o formador trata o seminarista e o grupo. Saber acolher/suportar a infantilidade do outro é fundamental para poder orientá-lo a uma atitude mais amadurecida. O mesmo vale para a superação dos preconceitos, das atitudes defensivas, das reatividades violentas etc.

Do *ponto de vista intrapessoal* o seminarista desenvolve uma maior relação com os valores evangélicos na motivação de si mesmo, pois aos poucos ele estará aprendendo a colocar limites para si mesmo em favor da escolha pelo Evangelho e suas virtudes. Do *ponto de vista interpessoal*, ele estará desenvolvendo um novo modo de se relacionar socialmente, ou seja, balizado com o ponto de referência não em si mesmo, mas em Cristo, dando-lhe maior capacidade de empatia e de proximidade com os outros.

Uma conquista pedagógica desse tempo é a experiência do deixar-se ser guiado e acompanhado por um outro, sabendo colocar como tema todas as áreas de sua vida e de sua personalidade. ***É sinal de grande liberdade interior quando uma pessoa sabe recontar-se para a outra livremente.***

É perceptível o ***vínculo entre o seguimento do discipulado de Cristo e a progressão da maturidade humana.*** De fato, o grau de maturidade alcançado nessa etapa se torna a base necessária para que, a partir da etapa sucessiva, e ao longo da vida, a configuração espiritual possa acontecer com maior eficácia.

2.3. Uma maior vitalidade pastoral (Etapa teológica/configurativa)

Uma vez delineado alguns aspectos humanos e espirituais da identidade discipular, o seminarista agora terá melhores condições de iniciar um caminho mais arrojado em sua configuração com o Cristo Bom Pastor. Se o critério anterior era desenvolver um grau de maturidade humana e cristã consistente com a vida de um discípulo do Senhor, agora o amadurecimento gira em torno dos valores e atitudes sacerdotais, ou seja, ***típicas de um pastor de almas.*** Trata-se de desenvolver gradualmente os valores e traços de sua personalidade, para que ele se torne um ***homem capaz de mediar, através do serviço evangélico, a relação dos homens com Deus, sendo ao mesmo tempo testemunha e exemplo de comunhão com Deus e com os outros,*** demonstrando uma autoridade que vem da prática da caridade com a qual Deus o ama e da resposta de amor com a qual o Senhor lhe permite responder amando-O.

São Paulo explica esse tipo de adaptação a Timóteo, usando várias metáforas: o soldado que sofre os sofrimentos para servir no exército; o atleta que corre de acordo com os regulamentos para receber a coroa; o agricultor que se cansa de receber o fruto do seu trabalho (cf. 2Tm 1-7), e o admoesta sobre a prudência necessária para bem agir como pastor (2Tm 2, 22-26). O Santo Padre no último dia 13 de novembro em discurso espontâneo aos Reitores e Formadores do Brasil, afirmou essa mesma verdade, ou seja, que o sacerdote deve ser preparado para ***ser um homem que promove proximidades:*** a Deus, ao Bispo, aos amigos padres e ao todo Povo de Deus de onde ele saiu como vocacionado e para junto de quem ele agora volta como pastor que conduz a Cristo.

Circunscrevendo a configuração com o Bom Pastor no que diz respeito a peculiaridade de sua humanidade, significa adquirir atitudes e disposições pessoais para agir como um autêntico pastor de uma comunidade cristã. E tal aquisição não é de ordem externa, nem se trata de adquirir uma boa ***“cartilha de counseling pastoral”*** ou preparar uma ***“postura coach bem-sucedida toda trabalhada no Evangelho”***, o que seria para alguns algo muito moderno e até mesmo bem aceito como linguagem de diálogo pastoral contemporânea. Todos esses são exemplo de formas de propor proximidade

entre as pessoas, entretanto, *não é assim que se forma um pastor de almas*, que deve ser no mundo o *amor do Coração de Jesus*, como afirmava São João Maria Vianney.

Todo trabalho de vida interior desenvolvido, que se revela estável no passar do tempo, consolida força e convicção ao agir humano, e, no caso da formação sacerdotal, isso está profundamente relacionado ao crescimento na consciência do dom recebido na vocação. Aos poucos o seminarista *experimenta*, ao lado de sua fragilidade humana, *o vigor de sua humanidade que se dispõe ao crescimento nos valores sacerdotais*. Não será fácil aprender a ser flexível consigo mesmo sem ter medo de deixar de perseverar com tenacidade na busca pelo bem, nem tão pouco será fácil continuar comprometido com a coerência interior mesmo diante de seus momentos de incoerência, mas atravessar esta estrada da experiência humana é fundamental para quem quer ser capaz de se lançar inteiramente nas mãos de Deus.

É com certa tristeza que se observa em alguns clérigos uma rigidez formalista e metódica ao ponto de ter-se a impressão de estar diante de um homem com afetos medidos a conta gotas. Em outros casos, lamentavelmente, se vê certos clérigos que oscilam abruptamente de “estilo” em sua vida sacerdotal, como se trocassem de roupas segundo o tipo de programa que se deve participar. Ambos os casos deixam grande perplexidade sobre qual é o verdadeiro nível de configuração a Cristo que aquela pessoa está vivendo.

A configuração com Cristo Bom Pastor também implica um certo estilo de relacionamento interpessoal que está vinculado a identidade do pastor. Uma expressão bíblica sintetiza esse aspecto que aponta na direção da paternidade espiritual: "*torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade*" (1Tm 4, 12). Esta é a maneira de elevar comportamentos que correspondem àqueles que deram suas vidas para promover a comunhão e edificar a comunidade.

Essa é uma adaptação gradual que delineie uma personalidade que se deixa iluminar pelo dom da graça. Seguindo o princípio pedagógico dos ajustes contínuos, de uma adaptação consciente e livre, esse processo se desenvolve durante os quatro anos dessa etapa. Nesse tempo, alguns gestos comunitários, como o cuidado ao bem comum, a correção fraterna e a revisão de vida sacerdotal, têm um significado específico e forte para os vínculos de amizade. Desse modo, a todo momento fatores humanos e vida espiritual entram em jogo harmoniosamente.

2.4. A fase de retorno a total imersão na vida pastoral (Etapa de síntese)

Durante a **etapa de síntese pastoral ou vocacional**, há uma experiência significativa em face a maturidade humana que envolve a configuração com Cristo

Pastor. As novas situações que o seminarista ou diácono experimentará trará à luz os desafios pendentes de sua própria formação humana, que até agora não foram totalmente enfrentados, ou então, reacenderá outras que ainda precisam ser mais trabalhados... quase sempre são realidades já conhecidas e que foram trabalhadas através do acompanhamento, mas talvez não tenham sido suficientemente assimiladas e colocadas em prática ainda. Isso leva a perceber que se trata de um tempo particularmente intenso e significativo que evidencia a importância de manter o caminho para a continuidade da formação permanente.

Essa mesma dinâmica de desafios e descobertas se repetirá em outras ocasiões ao longo da vida, particularmente nas mudanças de ofício pastoral, que exigem uma adaptação do sacerdote seja pessoal, seja no exercício do seu ministério.

III. A MATURIDADE ESPIRITUAL DO CANDIDATO AO SACERDÓCIO

A santificação do sacerdote é obra do Espírito Santo e passa através da caridade pastoral. É, portanto, uma forma de autotranscendência no amor a Deus e ao próximo. Em um olhar histórico sobre o percurso da vida espiritual dos seminaristas, encontramos alguns momentos marcantes:

a) Primeiros momentos da vida espiritual – em família e na comunidade paroquial ou movimento cristão, os seminaristas aprenderam as primeiras noções sobre vida espiritual (orações, sinais sagrados, devoção etc). Em alguns casos essa experiência já está marcada por certa confusão advinda da presença dos protestantes que difundem contra valores religiosos a fé católica. E com o tempo será preciso ajudar o seminarista a purificar esses equívocos.

b) Durante o período prévio de discernimento – que pode compreender todo um percurso nos grupos pastorais locais, o seminarista vai desenvolvendo melhor a experiência pessoal e comunitária de oração, a prática dos sacramentos, a vitalidade pastoral etc. Com o início do Seminário essas experiências vão ganhando uma nova forma, adquirem uma riqueza maior, o horizonte de Igreja se alarga, o ardor pastoral cresce etc.

c) Todos os demais hábitos adquiridos na primeira parte da formação inicial (etapa do propedêutico): Liturgia das Horas, leitura bíblica, exame de consciência, silêncio comunitário e pessoal, meditação dos textos litúrgicos, retiros mensais etc, vão ajudá-lo a integrar e enriquecer a sua vida como um todo dando-lhe a capacidade de aplicar tudo isso concretamente em sua vida comunitária e pessoal através da prática do perdão, da correção fraterna, do diálogo, da obediência, da escolha pela simplicidade

etc. Nela se começa a conhecer e a praticar os meios eficazes para uma boa vida espiritual.

d) Na **etapa discipular**, os métodos aprendidos começam a conquistar a justa estabilidade prática na vida quotidiana dos seminaristas. A assiduidade a vida litúrgica e sacramental da Igreja não tem por objetivo criar uma “*áurea de elevação pessoal*” na vida dos seminaristas como se fosse uma separação entre momentos sagrados e vida diária. O objetivo é de conduzi-los a uma ***autêntica amizade com Cristo***, que é sempre aberta e inclusiva. Dessa vivência provem não apenas a força para o bom convívio comunitário, mas também provem ***os parâmetros para que esse convívio seja de comunhão e de inclusão*** como pede, espera e subsidia Nosso Senhor através dos meios sacramentais, espirituais e humanos que distribui pela Igreja em favor da santificação dos fiéis.

A centralidade ao Mistério de Cristo é expressa na voluntária escolha pelos conselhos evangélicos. E como isso se dará? Através de um desprendimento dos bens materiais e atualmente, também das redes sociais, para alcançar aquele tempo consigo mesmo necessário para recolher-se com Deus, pois, será a partir desses hábitos de recolhimento pessoal que modelará a vontade de colaborar com o bem comum, o desejo pela obediência e a escolha por viver uma experiência de castidade juvenil orientando sua afetividade e sexualidade dentro de um projeto de vida cristã.

A união com Cristo que o seminarista dinamicamente vive, desenvolve sua sensibilidade pelos mais necessitados e vulneráveis, e também por seus companheiros de Seminário. A alegria de proclamar o Evangelho com a vida e de ver o mistério do Reino de Deus crescer será uma parte indispensável de sua espiritualidade discipular.

e) Durante a **etapa configurativa**, o seminarista, motivado pela caridade pastoral, cultivará as características específicas do sacerdote que escolhe dar a sua vida por seu rebanho.

A oração pessoal que se tornou um hábito durante as etapas anteriores, começa gradualmente a incluir a frequente ***intercessão pelo povo de Deus***, característica peculiar da oração sacerdotal.

Um primeiro âmbito de configuração espiritual é realizado em torno das virtudes teológicas, com gestos bem consolidados e atitudes proativas de fé, esperança e caridade dentro de sua comunidade de Seminário e por onde passa. ***É o testemunho de fé o primeiro e fundamental requisito para aqueles que ensinam e guiam a comunidade cristã no caminho da salvação.***

Um segundo âmbito de configuração espiritual está na continuidade do compromisso com os conselhos evangélicos. O seminarista nesse momento já conhece o sentido especificamente sacerdotal de pobreza, castidade e obediência e agora começa a vivê-los não mais por um “dever de escolha”, mas com ***maior gratuidade interior***. É essa gratuidade interior que precisa ser observada, pois o seu crescimento indica o quanto aquele jovem procurar submeter sua humanidade a regência da Graça de Deus.

Aos poucos, o seu modo de pensar, de ler os eventos da vida, de sentir a realidade e de colocar-se diante do outro e de olhar para a própria vida será pleno dos gestos, ***sentimentos e afetos do Coração do Ressuscitado***.

Desse modo, o relacionamento com todo o povo de Deus, a começar por sua comunidade de Seminário, com os leigos, os sacerdotes e com o Bispo será perfumado com o odor de Cristo. Sua preferência e amor pelos mais pobres e necessitados de Deus passa a ser uma urgência de amor. Os gestos provenientes dessa disposição interior edificarão amorosamente toda a comunidade cristã.

f) A etapa de síntese vocacional exige uma notável docilidade para adaptar a vida e o exercício ministerial às condições reais e às necessidades da comunidade cristã na qual o candidato ao sacerdócio vai ser inserido. O candidato experimenta existencialmente aquela sabedoria existente na vitalidade do povo de Deus que também o educa, ajudando-o a rever criticamente suas reações e atitudes diante da vida e da sensibilidade do outro.

Na vida de oração, além de permanecer fiel à meditação da Palavra de Deus, à participação aos sacramentos e à celebração da Liturgia das Horas, o candidato ao sacerdócio enriquece sua espiritualidade ***compartilhando a oração com os fiéis e com os irmãos no presbitério***, principalmente através da religiosidade popular e das ações litúrgicas públicas.

A correção fraterna, que recebe dos fiéis e dos padres vai ajudá-lo no exercício ministerial, além do contato com a diversidade de carismas que o Senhor suscita na comunidade cristã entre os fiéis leigos.

A preparação para as ordenações diaconal e presbiteral são momentos privilegiados para a reflexão adequada sobre a identidade e missão do padre. Elas marcam a sua inserção no presbitério como clérigo levando-o a contínua solidariedade com seus irmãos de presbitério com quem percorrerá o caminho da formação permanente.

CONCLUSÃO

Como vimos, a consciência, o amadurecimento humano e o amadurecimento espiritual que a formação inicial propõe estão diretamente relacionados entre si. Cada um desses aspectos é melhor alcançado quando há um relacionamento dinâmico entre eles. Pode-se deduzir facilmente que, com base em uma forte identidade sacerdotal, os futuros pastores terão sempre maior disponibilidade para buscar a santidade por meio do exercício ministerial.

✠ Jorge Carlos Patrón Wong
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários